

A Invisibilidade da Premissa I=I sobre HIV/Aids na Revista Veja em 2019¹

Caroline Knup TONZAR²

Mônica Panis KASEKER³

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR

RESUMO

A epidemia de HIV (Vírus da Imunodeficiência Humano), causador da Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), se configura, além de uma questão de saúde pública, como um apontamento histórico, cultural e social. Isso porque, por ser considerada uma IST (Infecção Sexualmente Transmissível), a doença envolve a discussão de tabus relacionados não somente ao sexo, mas também à orientação sexual. Desse modo, é possível inferir que, ao falar sobre HIV, pode-se abordar temas como o preconceito e a estigmatização, que estão dirigidos às pessoas diagnosticadas tanto com o vírus quanto com a síndrome. Ser diagnosticado com HIV em décadas passadas era, além de uma sentença de morte – devido ao desconhecimento da doença e aos tratamentos ineficientes –, uma demonstração pública de um comportamento considerado divergente. Isso porque, em especial no início da epidemia, a doença estava ligada, principalmente, a homens homossexuais, usuários de drogas intravenosas e profissionais do sexo. Crianças que foram infectadas pelo HIV por meio do parto ou da amamentação e pacientes que receberam o diagnóstico após transfusões sanguíneas não eram os alvos do preconceito e do estigma e, por isso, eram vistas como vítimas inocentes (SONTAG, 2007). Alguns dos fatores que contribuem para a estigmatização da doença são: a inexistência de uma cura para a doença; a falta de conhecimento sobre as formas de transmissão e os tratamentos existentes; a relação entre HIV/Aids e comportamentos sexuais considerados divergentes – como relações homossexuais e profissionais do sexo; crenças religiosas e aspectos morais que encaram a doença como um castigo divino enviado aos pecadores (SONTAG, 2007). Com a descoberta de novos tratamentos, métodos de prevenção além do preservativo foram elencados, como a PrEP

¹ Trabalho apresentado na II01 - Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Graduada em Jornalismo pela UEL e pós-graduanda em Docência no Ensino Superior pela mesma instituição, email: caroline.tonzar@uel.br.

³ Doutora em Sociologia, professora do Curso de Jornalismo e do Mestrado de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: mkaseker@gmail.com.

(Profilaxia Pré-Exposição), a PEP (Profilaxia Pós-Exposição) e a premissa científica $I = I$ (Indetectável = Intransmissível), que, apesar de estarem disponíveis à população por meio do SUS (Sistema Único de Saúde), não são muito difundidas. Diante desse cenário, é preciso considerar, ainda, a premissa $I = I$, que estabelece que pessoas diagnosticadas com HIV, que fazem o tratamento correto, atingem cargas virais indetectáveis no sangue e, assim, não transmitem o vírus a outrem por meio de relações sexuais. Menos difundida do que a PrEP e a PEP, a premissa pode ser um marco na vida de pessoas que vivem com HIV, já que permite que casais sorodiscordantes – em que um dos parceiros vive com o vírus e o outro não –, por exemplo, tenham filhos de forma natural. Diante da relevância do tema não somente para pessoas diagnosticadas com HIV ou com Aids, este trabalho pretende analisar sua presença ou sua ausência na reportagem *Perto da vitória: os avanços da medicina no combate à aids*, publicada em novembro de 2019 no site da revista Veja. O objetivo geral da pesquisa é analisar o tratamento dado à premissa $I = I$, referente ao HIV, pela abordagem jornalística brasileira. Já os objetivos específicos se dedicam a verificar se a reportagem analisada apresenta informações atualizadas sobre o HIV/Aids, bem como se reforça ou contribui para a eliminação de estigmas e de preconceitos. Autores como Spink, Medrado, Menegon, Lyra e Lima (2001), que estudam o fenômeno da aids-notícia, apontam que a cobertura midiática do HIV/Aids é uma das responsáveis por fazer a doença existir na sociedade, bem como pela reprodução e pela manutenção de estigmas e de preconceitos contra as pessoas que vivem com o vírus. O principal problema é que essa cobertura não está restrita aos anos iniciais da epidemia, já que muitas das questões perduram até a atualidade. A metodologia escolhida para analisar os materiais jornalísticos citados na introdução consiste na análise do discurso, que terá como base dois autores principais: Dominique Maingueneau (2004) e Eni Puccinelli Orlandi (1994). Neste método, é necessário destacar a relação entre sentido e contexto, por meio da definição de enunciado. A reportagem *Perto da vitória: os avanços da medicina no combate à aids* apresenta uma visão positiva sobre as descobertas científicas a respeito da prevenção e do tratamento do HIV/Aids. A reportagem é composta por sete fotografias: uma imagem retirada de um banco on-line (Getty Images), um infográfico e cinco fotos produzidas pelo fotógrafo Egberto Nogueira. Além disso, está dividida em 13 parágrafos e apresenta 9 fontes de entrevistas. Com a análise, foi possível perceber que

a reportagem não apresenta informações sobre a premissa I = I, por mais que fale sobre métodos de prevenção e de tratamento de HIV. Além de não apresentar informações sobre o I = I e sua importância para a qualidade de vida de pessoas que vivem com HIV atualmente, a reportagem não aborda outros aspectos importantes relacionados ao vírus, como a PEP. Um dos aspectos marcantes da reportagem é a apresentação de dados sem referenciar uma fonte oficial. No sétimo parágrafo, a repórter afirma que o Brasil registrou um aumento no número de novas infecções de HIV, especialmente em homens jovens, homossexuais e HSH (homens que fazem sexo com homens). Uma vez que foi publicada em novembro de 2019, a reportagem deveria trazer informações atualizadas sobre o I = I, uma das principais descobertas com relação à doença na última década. No ano de publicação da reportagem a premissa já havia sido reconhecida como verdadeira pelo CDC, dos Estados Unidos. Ao não abordar a premissa I = I, a reportagem, que trata especificamente sobre os avanços da medicina no que se refere à prevenção e ao tratamento de HIV/Aids, silencia uma questão extremamente relevante para os pacientes, seus parceiros e suas famílias. Ao priorizar as informações sobre a PrEP, o material deixa de falar sobre o TasP (Treatment as Prevention ou, em português, Tratamento como Prevenção) e, conseqüentemente, a premissa I = I, e sobre a PEP. Ao silenciar sobre tais questões, é possível supor que a reportagem decide reforçar o uso da camisinha como principal meio de prevenção ao HIV. Essa afirmação é suportada, ainda, pelo fato de que a jornalista cita que as fontes, mesmo ao tomarem a PrEP, continuam a usar o preservativo em todas ou em algumas relações sexuais. Segundo Orlandi (2013), os sentidos podem ser produzidos por meio de silêncios. A preferência pelo uso do preservativo como meio de prevenção é um dos sentidos que se encontram no silêncio produzido pela jornalista responsável pela redação da reportagem e a respeito da premissa I = I. O silenciamento das informações traz conseqüências negativas tanto para as pessoas que vivem com HIV ou Aids – uma vez que podem não ter acesso à premissa em outros locais que não veículos de comunicação da mídia tradicional – quanto para a sociedade em geral, que continua a alimentar preconceitos e estereótipos a respeito do vírus, da síndrome e dos indivíduos com o diagnóstico positivo.

PALAVRAS-CHAVE: Aids; HIV; jornalismo; revista Veja; reportagem.

REFERÊNCIAS

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª edição. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Em Aberto. Brasília, 1994, a. 14, n. 61, jan./mar. 1994, p. 53-59.

SONTAG, Susan. **Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPINK, M.; MEDRADO, B.; MENEGON, V.; LYRA, J., LIMA, H. A construção da AIDS-notícia. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, jul-ago, 2001.

VEJA. **Acervo Digital a Revista Veja**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/acervo/>. Acesso em 15 mar. 2021.

VIDALE, Giulia. Perto da vitória: os avanços da medicina no combate à aids. **VEJA**, 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/perto-da-vitoria-os-avancos-da-medicina-no-combate-a-aids/>. Acesso em: 28 mar. 2021.